

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 987	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	630	120	30 DE MAIO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

O NOVO MINISTERIO



CONSELHEIRO JOÃO FERREIRA FRANCO PINTO CASTELLO BRANCO

PRESIDENTE DO CONSELHO E MINISTRO DO REINO

Chronica Occidental

Ai, como vai lindo agora o mez de maio, depois que a lua nova nos trouxe o bom tempo! Estamos em pleno verão perfumadissimo, e, por ahi fóra, os campos, refrescados pelas ultimas chuvas, são mares de flores, oceanos de ouro. Não tardarão as vearas a alourar, e as encostas, onde as vinhas se alargam, parecem sorrir promettendo venturas aos cultivadores.

Como é triste a gente ler os jornaes e, em vez de cantar a natureza, ver-se obrigada a falar de muita prosa, porque pouco mais se encontra em que se respiguem duas linhas sobre as quaes, de bom grado, se façam uns commentarios.

No momento em que estou estas linhas escrevendo, uma tutinegra, tão cantadora como outra nunca ouvi, n'uma arvore mais copada fronteira á minha janella, está cantando desde as quatro horas da manhã. O que ella me canta, o que ella me recorda formosuras de primavera! Pudessem a gente fechar os olhos e viver mais alegre n'um ar de maior pureza.

Na quinta feira da Ascensão, dia da espiga, o povo de Lisboa espalhou-se por todos esses arredores, e as mulheres voltaram com grandes ramos de malmequeres, brancos e doirados, côr de prata e côr de ouro, e muita espiga symbolisando o pão. Nas quintas da estrada de Sacavem, na estrada de Bemfica, por Algés até Carnaxide, os bandos acamparam alegremente. Como o sol é bom! Como faz trepar os sonhos!

Era um dia de bom sol que eu, na minha ultima chronica desejava para maior alegria das crianças, domingo passado, para que coisa alguma faltasse nas festas escolares, que se annunciavam esplendidas.

As festas, porém, foram addiadas e ainda se não sabe quando hão de realizar-se, provavelmente em agosto.

A decisão ministerial foi bastante commentada, sendo com o addiamento do congresso pedagogico e a nacionalidade do ministro da fazenda, Sr. Driesel Schröter, os assumptos de que mais a opposição se tem aproveitado para atacar o novo ministerio.

Mas de politica, o mais para archivar-se foram as declarações do sr. João Franco, em sessão de sabbado passado, no Centro Mello e Sousa, que festejava o terceiro anniversario da sua fundação. Programma do governo lhes chama o *Diario Illustrado*.

O governo respeitará a representação parlamentar republicana que o corpo eleitoral, no uso de seu legitimo direito queira dar áquelle partido. O governo desinteressa-se por completo do resultado da ultima eleição, e, a ter ella de repetir-se por ventura em algumas assembléas, limitar-se-ha a fiscalisar as urnas.

O governo pedirá uma amnistia para os delictos da liberdade da imprensa.

O governo proporá a modificação da lei de 13 de fevereiro, de modo a ficar inteiramente calcada sobre a lei da Republica franceza, sendo menos pesadas as penalidades.

O governo proporá a remodelação do juizo de instrução criminal.

O governo proporá ao parlamento uma lei eleitoral de circulos unimoninaes, permittindo a eleição de membros das classes operarias e trabalhadoras.

Fez mais o sr. João Franco declarações importantes relativas á instrução, economia publica, impostos e questões operarias.

Referindo-se á importantissima questão dos tabacos, declarou ter o governo resolvido manter a attitude do governo anterior, e acrescentou que, sobre a questão dos tabacos, não pode haver hoje uma opinião divergente: a exploração d'essa industria em monopolio não pode ser adjudi-

cada a ninguem por menos de 6520 contos de reis.

O sr. João Franco foi muito saudado pela assistencia, durante e, principalmente, no fim do seu discurso. Já, quando chegára ao Centro, enorme multidão rodeara a carruagem que o transportava. Em meio das ovações dos regeneradores liberaes, ouviram-se, porém, n'essa occasião, alguns gritos de protesto e mais que todos, o de abaixo a lei de 13 de fevereiro. O mesmo grupo de populares foi depois fazer eguaes manifestações em frente de algumas redacções dos jornaes republicanos, mas a policia não interveio.

Para o conselho de Estado, que se reuniu para dar seu parecer sobre o pedido de creditos especiaes feito pelo governo, houve sessão preparatoria a que já assistiu o Principe real, Sr. D. Luiz.

Um dos creditos, que é apenas de cinco contos de reis, é para a despeza a fazer com a representação de Portugal nas festas do casamento do Rei de Hespanha. Como é sabido, Portugal será representado pelo Principe Sr. D. Luiz, que antes

lhe fornecerá musicas, illuminações e fogos de vista.

Mas não nos queixemos por ora. Ainda o espirito encontra por onde distrahir-se. Os passeios silenciosos nas ruas desertas, com a imaginação á solta e os olhos postos nos gaiões, que vão girando e gritando muito alto, no azul, ficarão para julho e agosto. Um bocadinho de arte com as exposições abertas, ainda por enquanto, nos vem distrahir.

Um dia d'estes, foi a inauguração da exposição da obra de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, que, conforme elle o diz, acompanhando o catalogo, não quiz deixar, com a morte do grande Rafael, seu pae, que tambem percesse a faiança artistica das Caldas; por isso lhe enviamos um estreito abraço, com os nossos parabens pelo exito obtido, justissimo. São primorosos muitos dos objectos expostos, que, logo nas primeiras horas, obtiveram bastantes compradores.

El-rei adquiriu um gracioso grupo intitulado *Mimete* e um cangirão ornamentado com algas.

Ha tradições que é dever conservar. O filho do grande artista mostrou-se assim digno herdeiro de seu pae pelo talento e pelo coração.

Mas até as noticias de arte vão cedo acabar. Fechou o theatro de D. Maria. Muitos dos seus artistas já vão, a estas horas, a caminho sobre as aguas com destino ao Brazil, onde deve de certo esperal-os muita gloria e muito dinheiro. O caso *sensacional* é o de interpretação do *Hamlet* por Angela Pinto.

Virginia, a nossa grande Virginia, despediu-se do publico uma d'estas noites. Nunca assistimos a uma ovação igual, como a feita á grande actriz no final do *Marquez de Villemer*. Toda a platéa de pé, homens e senhoras nos camarotes, n'uma unanimidade sem exemplo, conservaram-se durante muitos minutos acclamando a actriz, que, muito commovida, acenava com o lenço, dizendo adeus ao publico que tanto lhe quiz.

Uma alegria ver um acto de justiça. Mas que tristeza não é uma despedida!

Outra noticia theatral com que a alegria nada tem: morreu Ibsen, o maior, talvez, dos dramaturgos no mundo. Ninguem lhe desconhece agora o nome, que foi acclamado em todos os theatros da Europa e da America, apesar dos snobs se haverem dividido, uns por elle, outros contra. A que má sorte anda ás vezes o genio destinado! Os mais entusiasticos são muita vez os peores.

Houve ahi um que queria estudar norueguez só para ler Ibsen no original e traduzil-o. Só havia uma coisa que o atrapalhava: como é que este nome, Ibsen, se havia de traduzir em portuguez?

JOÃO DA CAMARA



A ACTRIZ VIRGINIA

d'hontem partiu para Madrid, acompanhado pelo sr. Marquez do Lavradio e Visconde de Asseca.

Pelos telegrammas publicados em todos os jornaes do mundo, em grande copia, parece que vão ser deslumbrantes as festas do consorcio real. Só os presentes offerecidos á Princeza de Battemberg estão avaliados em alguns milhares de contos. São perto de cem os coches que hão de figurar no cortejo. Tudo se prepara para transformar Madrid n'uma nova Bagdah das lendas. Centenas de comboios despejaram forasteiros na capital, tanto que, temendo as auctoridades que lhes falem alojamentos, mandou que restaurantes e cafés fiquem abertos dia e noite enquanto as festas durarem.

Dois cavalleiros tauromachicos portuguezes, Manuel e José Casimiro, foram contractados para farpear dois toiros em hastes limpas.

Vai Madrid animar-se extraordinariamente, enquanto Lisboa só terá dentro em pouco, para distrahir-se, uma ou outra novidade politica, não contando os poucos dias em que o Grande Club

O NOVO MINISTERIO

Pela leitura dos jornaes e da chronica do ultimo numero do OCCIDENTE, já nossos leitores sabem da crise ministerial que se deu, e de como foi resolvida, pelo pedido de demissão do ministerio presidido pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro.

El-Rei accitando a demissão do ministerio, chamou o sr. conselheiro João Franco Castello Branco para formar novo governo, o qual, depois de varias combinações e consultas com o chefe do partido progressista conseguiu organizar o seguinte gabinete:

Conselheiros srs. João Ferreira Franco Pinto Castello Branco presidente do conselho e ministro do reino, Ernesto Driesel Schröter, ministro da fazenda, José de Abreu do Couto Amorim No-

vaes, ministro da justiça; Luiz de Magalhães, ministro dos estrangeiros; Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto, ministro da guerra; Ayres Ornellas de Vasconcellos, ministro da marinha; José Malheiro Reymão, ministro das obras publicas.

Os novos ministros são todos filiados no partido regenerador-liberal, não tendo o sr. José Luciano de Castro querido aceitar nenhuma pasta no novo governo para algum dos seus correligionarios tendo, não obstante, declarado ao sr. João Franco, que daria todo o apoio á nova situação.

CONSELHEIRO JOÃO FERREIRA FRANCO PINTO CASTELLO BRANCO. Presidente do conselho e ministro do reino, assume pela primeira vez a presidência do governo, e pela segunda dirige a pasta do reino, tendo sido também ministro da fazenda, no governo organizado por Antonio de Serpa Pimentel em 1890, e ministro das obras publicas, na situação que succedeu a esta, presidida pelo general João Christostomo d'Abreu e Sousa. Data de 1884, a sua estreia no parlamento, e poucos teria vencido carreira em tão pouco tempo, se attendermos que o sr. João Franco, em 1890, já ascendia ás eminencias do poder, como ministro da fazenda.

Esta rapida conquista deveu-a aos seus superiores dotes parlamentares e á energia de seu caracter que lhe permitiu por vezes dominar as situações difficeis, não hesitando em promulgar leis repressivas, pouco de molde a grangear-lhe popularidade.

Tendo feito sua carreira politica filiado no partido regenerador, d'este se desligou para organizar um novo partido que denominou Regenerador-Liberal o qual é pela primeira vez chamado aos conselhos da corôa.

ERNESTO DRIESEL SCHRÖTER. Ministro da fazenda, é vantajosamente conhecido no mundo commercial e financeiro em que tem vivido e por onde tem feito sua carreira, dedicando seus estudos ao commercio e ás finanças, reunindo ao estudo a pratica dos negocios, como director de bancos e companhias.

Assim foi durante muitos annos director do Banco Commercial de Lisboa, e, em 1887, eleito director do Banco de Portugal, sendo nomeado pelo governo, em 1891, vice-governador do dito banco, cargo em que foi reconduzido até 1896. Foi também, nos ultimos annos da *regie* dos tabacos seu administrador, substituindo em seus impedimentos o presidente, que era Oliveira Martins.

Actual presidente da Associação Commercial de Lisboa, é também vogal do conselho superior do commercio, do conselho de tarifas, e das pautas ultramarinas.

JOSÉ DE ABREU DO COUTO AMORIM NOVAES. Ministro da Justiça, antigo parlamentar, deputado por Barcellos, no parlamento se distinguiu como orador. Formado em direito e theologia pela Universidade de Coimbra, exerceu a magistratura como governador civil de Aveiro, Braga e Porto, onde provou sua capacidade administrativa.

Na dissidencia que houve no partido regenerador o sr. Novaes seguiu o sr. conselheiro João Franco, tornando-se um dos membros mais importantes do partido Regenerador-Liberal.

LUIZ CYPRIANO COELHO DE MAGALHÃES. Ministro dos estrangeiros, é deputado desde 1897 e no parlamento occupou sua cadeira até 1901. Na scição que se deu no partido regenerador, acompanhou o sr. conselheiro João Franco. Envolve seu nome boas recordações do grande tribuno portuguez José Estevão, de quem é filho, que tem sabido honrar-lhe a memoria.

O novo ministro dos estrangeiros não é só um orador distincto, mas um escriptor revelado no livro e no jornalismo com superior criterio de um espirito fino.

ANTONIO CARLOS COELHO DE VASCONCELLOS PORTO. Ministro da guerra, tenente-coronel de engenheiros e lente da Escola do Exercito de que também é thesoureiro.

Engenheiro em chefe da exploração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes,

a maior empresa ferro-viaria da peninsula, e agora sub-director da companhia.

Dirigiu a construcção dos caminhos de ferro da Beira Baixa e de Sant'Anna a Vendas Novas.

Em todos estes importantes cargos tem dado provas de alta competencia, de excellentes methodos de trabalho e de superior criterio para dirigir.

Em 1900 representou, na Exposição de Paris, a Companhia Real com brilho e honra para Portugal.

Foi deputado em 1894 e voltou ao parlamento em 1901, deixando a camara para seguir o sr. conselheiro João Franco, quando se deu a scição do partido.

AYRES DE ORNELLAS E VASCONCELLOS. Ministro da marinha é par do reino e capitão do estado-maior. Seu nome é bem conhecido como o de um militar valente e ao mesmo tempo ponderado, tendo feito toda a campanha d'Africa de 1895 a 1896 contra o celebre Gungunhana, a guerra contra os namarraes, acompanhando sempre Mousinho d'Albuquerque, como chefe do estado-maior, tomando parte também nas operações do districto de Gaza para a prisão do Magniguana.

Foi governador de Lourenço Marques, conhecendo bem a administração colonial pelo estudo e pela pratica, e ainda melhor uma boa parte do



MAJOR EDUARDO DA COSTA

NOVO GOVERNADOR D'ANGOLA

grande imperio portuguez que se estende por toda a Africa.

JOSÉ MALHEIRO REYMÃO. Ministro das Obras publicas, foi pela primeira vez deputado em 1893 sendo reeleito nas legislaturas de 1897, 1899, 1900 e 1901. Quando se deu a scição no partido regenerador, o sr. Reymão abandonou o parlamento e seguiu o sr. conselheiro João Franco.

Por essa occasião houve no parlamento discussão violenta, em que o sr. Reymão manteve grande energia, medindo suas forças de parlamentar em calorosa polemica com o chefe do partido regenerador sr. Hintze Ribeiro.

A excepção do sr. conselheiro João Franco, os ministros que compõem o novo governo, entram todos pela primeira vez nos conselhos da corôa, pelo que, sem compromissos e cheios de boa vontade, oxalá possam fazer bom governo.

MAJOR EDUARDO DA COSTA

NOVO GOVERNADOR DE ANGOLA

A individualidade do major Eduardo da Costa é por demais conhecida para que vamos apre-

sentar aqui a sua longa lista de serviços prestados ao pais quer no exercicio de commissões militares, quer no desempenho de cargos administrativos.

Eduardo Augusto Ferreira da Costa, nasceu a 14 de outubro de 1865, e tendo completado o curso do Collegio Militar, alistou-se no exercito em 29 de julho de 1879.

Terminados os estudos superiores para o serviço do estado maior foi promovido a alferes em janeiro de 1886, a tenente em janeiro de 1888, a capitão em fevereiro de 1889 e a major em agosto de 1899, sendo o seu nome um dos primeiros na escala das promoções a tenente-coronel.

A sua nomeação para o cargo de governador geral de Angola, foi recebida com satisfação por todos que se interessam pelas nossas colonias. E' que o nome do conselheiro Eduardo da Costa pertence ao limitado numero dos que se impõem pela sua intelligencia e patriotismo. Dotado d'um espirito liberal e progressivo a sua administração ha de impôr-se pela justiça e por uma rasgada iniciativa, levando á pratica sabias medidas de fomento que fazem parte do seu programma de governo, tão habilmente delineado nas columnas do *Jornal das Colonias*, em successivos artigos.

Alliando a uma grande energia um espirito conciliador, o conselheiro Eduardo da Costa é no actual momento o *right man in the right place*. O OCCIDENTE associa-se pois ás manifestações de sympathia e á dedicacão de todos os angolenses a quem tão agradável foi a nomeação do governador Eduardo da Costa, para o difficil cargo em que mais uma vez vai pôr em prova a sua poderosa intelligencia e o seu profundo conhecimento dos assumptos colonias.

Como justa recompensa de seus bons serviços, o sr. conselheiro Eduardo da Costa é agraciado com a commenda da Torre e Espada, officialato de Aviz, e cavalleiro da mesma ordem, com a medalha de ouro do valor militar, e com as medalhas de prata da expedição de Moçambique e da dos Namarraes, sendo também official da Legião de Honra.

6.^a Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

(Concluido do numero antecedente)

A secção de gravura acha-se apenas representada por um primoroso trabalho de Diogo Neto: o retrato gravado em madeira do popularissimo romancista Antonio de Campos.

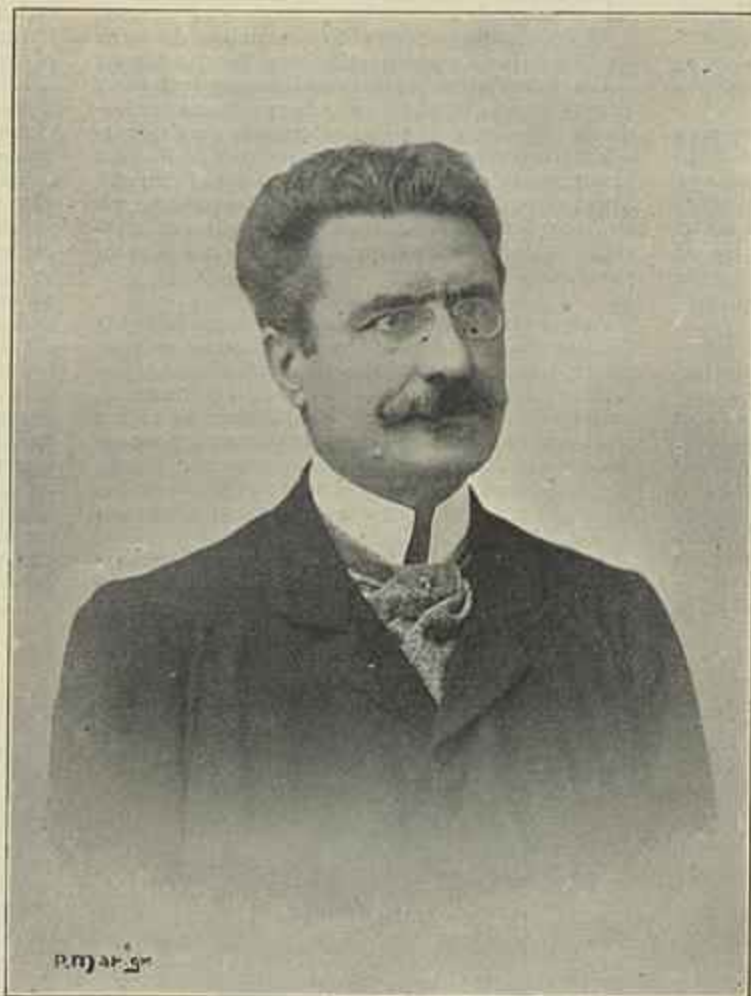
Na de desenho figuram apenas dois expositores, Antonio V. Carneiro e Joaquim Porfiro, o primeiro com um consciencioso estudo para o seu quadro «a Ceia»; o segundo com nove desenhos a carvão, nos quaes se denota progresso, parecendo-nos sobrelevar a todos o que se intitula *Piñheiros do Alfeite*.

Dos nossos caricaturistas apenas concorreu Francisco Valença, com os alegres e dicazes *cartões* dos seus *Fócos*, publicados no *Supplemento Humoristico do Seculo*.

Na Escultura captaram-nos principalmente a atenção um *David*, de bronze, de Thomás Costa, em que tanto se acentuam a gracilidade e o movimento que distinguem as obras deste estatuario; o busto de S. M. El-rei, vigoroso trabalho de Costa Motta; um gracioso e delicado grupo em marmore, *Rapto de Ganimedes*, escultura de Fernandes de Sá, e que pertence ao sr. Visconde de S. João da Pescaira; a *Manhan de S. João*, e uma cabecinha de nenê de Costa Motta (sobrinho); o projecto de monumento a Silva Porto, do mesmo escultór, formoso trabalho, não ha duvida, apenas prejudicado, a nosso ver, pela rugozidade exuberante do tronco de arvore que lhe serve de pedestal; e as *plaquetes* de gesso de João da Silva, ás quaes, para outra vez, é de esperar que o artista, como bom portuguez, não deixará de chamar *laminas* ou *placas*.

Na secção de Arte applicada superabunda o azulêjo, e é sobremodo louvavel o empenho dos nossos artistas em concorrer para a resurreição desta interessantissima especialidade ceramica, que taes foros de nacionalidade adquiriu entre nós e que, no ultimo quartel do seculo XIX, havia attingido o maximo grau de abjecção. Nesta especialidade sobresae Jorge Pinto e Jorge Collaço, o primeiro, fiel ás tradições do nosso azulêjo do seculo XVIII, modernizando-as, porém

O NOVO MINISTERIO



CONSELHEIRO ERNESTO DRIESEL SCHRÖTER
Ministro da Fazenda



CONSELHEIRO LUIZ CYPRIANO COELHO
DE MAGALHÃES
Ministro dos Estrangeiros



CONSELHEIRO JOSÉ DE ABREU DO COUTO
AMORIM NOVAES
Ministro da Justiça



CONSELHEIRO AYRES DE ORNELLAS
E VASCONCELLOS
Ministro da Marinha



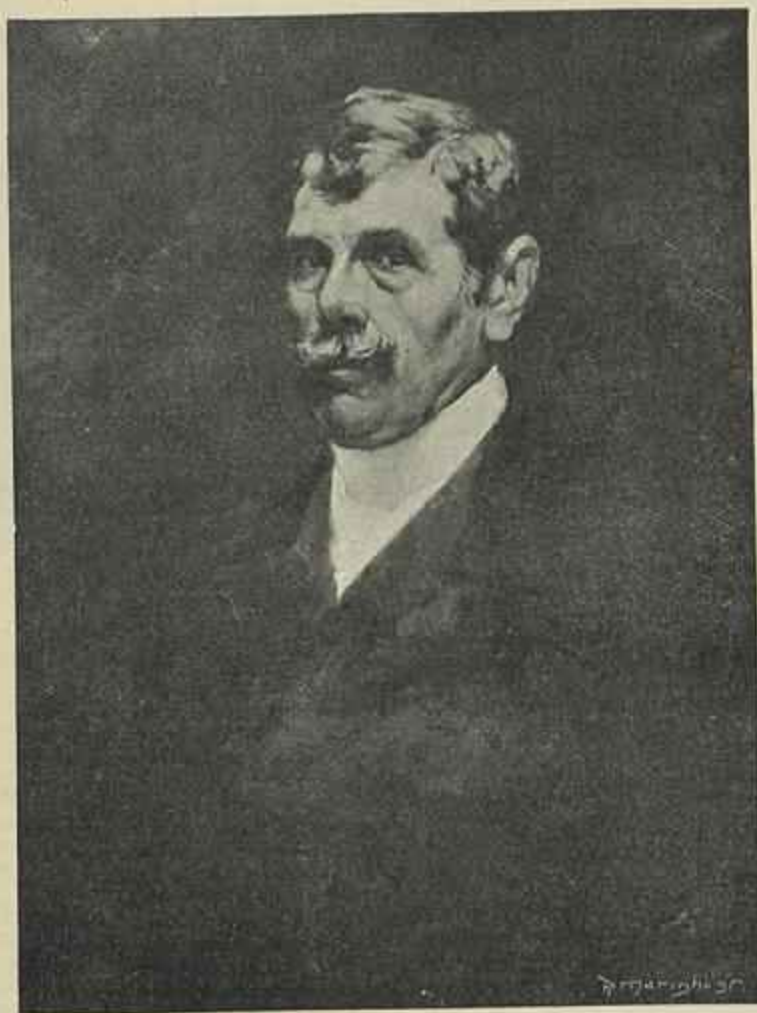
CONSELHEIRO ANTONIO CARLOS
COELHO DE VASCONCELLOS PORTO
Ministro da Guerra



CONSELHEIRO JOSÉ MALHEIRO
REYMÃO
Ministro das Obras Publicas



ARRIBAS DA GUIA (CASCAES) À TARDE — Desenho a pastel de S. M. El-Rei D. Carlos



RETRATO DO EX.^{MO} SR. CONDE DE S. — Carlos Reis



RETRATO DE MADEMOISELLE J. POSSOZ — D. Emilia Santos Braga



VOLTA DO TRABALHO — Quadro de José Nunes Ribeiro Junior



LISBOA (CAHIQUES EM CALMARIA) — Quadro de Thomaz de Mello Junior

6.ª Exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes

com singular discernimento; o segundo, não se apartando dellas em absoluto, um tanto mais arrojado, comtudo, e mais ambiciosas as composições, e por isso mesmo nem sempre attingindo a mesma finura de tom e a mesma sobriedade d'efeito decorativo.

Fernandes Gomes, na mesma especialidade, expõe duas paisagens pintadas sobre o biscuito, revelando uma certa proficiencia technica. A applicação destas paisagens minúsculas, comtudo paréce-nos assás restricta no sentido da arte decorativa, e ousamos esperar que o artista, em futuras exposições, nos apresente espécimes das suas conquistas no dominio da arte de fogo, mais praticos e de mais immediata utilidade.

Corrêa Brandão e C. Martins exhibem projectos de vitraes, interessantes, alguns, e denotando estudo sério e aturado das possibilidades offercidas por este efficacissimo elemento decorativo.



«IN HOC SIGNO VINCHES», QUADRO EM AZULEJO, PERTENCENTE AO SR. MARQUEZ DO SOVERAL
Jorge Collaço

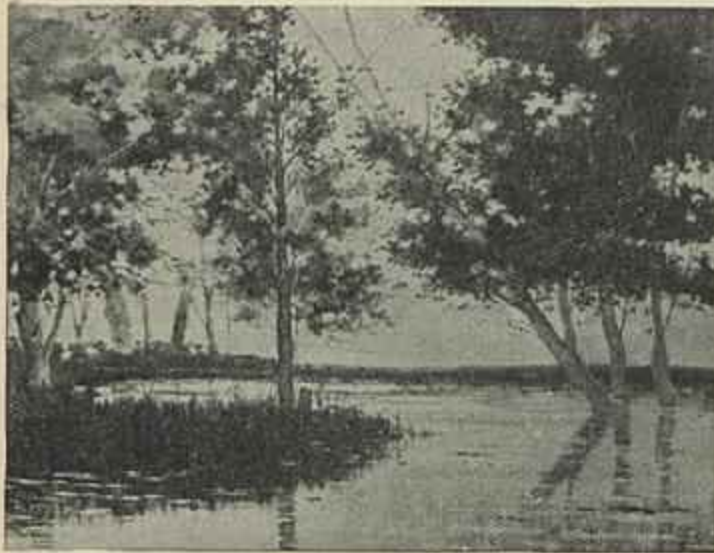
vidou Mister O'Donnel, mas em nome de quanto santo pavôa a côrte celeste, pouco lisongeira, lá isso é que não era, com certeza.

— Estou ancioso por saber que motivo o induziria a dar a totalidade dos seus haveres a uma instituição de caridade, e a vender em seguida o seu anel para pagar o meu jantar.

E o Príncipe, com um risinho ironico, estendeu a mão, no dedo minimo da qual mister O'Donnel observou o anel que havia deixado em poder do joalheiro, dois dias atrás. Estava a ponto de explodir de novo num fogacho de indignação, quando o lucilar dos olhos do Príncipe lhe vem suggerir que tudo aquillo era apenas uma burla um tanto ou quanto artificiosa.

— Palavra de honra! exclamou — Vossa Alteza Serenissima é dado ás mais estramboticas facécias, de quantas tenho noticia.

Casquinou o Príncipe; e pela vez primeira n'elle sur-



PAISAGEM — Quadro de Francisco Gil



UMA SOBREIRA — Quadro de Joaquim Porfirio

Impressionaram-nos de modo em extremo favoravel os tapetes bordados, no genero Arraiolos, expostos por D. Maria Arantes, quer pela riqueza e harmonia das cores, quer pela judiciosa escolha dos padrões.

E de todo o coração fazemos votos para que o seu louvavel commetimento não represente apenas uma tentativa efémera: oxalá consiga resuscitar entre nós uma tão bella quanto util industria artistica.

E agora, despedindo-nos do assunto, cumpre-nos felicitar esta meritissima congregação artistica pelo facto de se achar em vespuras de effectuar dóravante as suas exposições annuaes em casa propria. Tivemos occasião de ver e analizar o projecto do edificio destinado á sede da Sociedade Nacional de Bellas-Artes, projecto elaborado com amor e dedicação por um dos seus socios, e actual director, o distincto architecto Alvaro Machado, e não duvidamos afirmar que o edificio, realizado nas condições propostas, e em sitio aliás central, virá a reunir as vantagens todas indispensaveis não só a installação condigna da Sociedade, da sua bibliotheca, que tantos serviços tem prestado quer a artistas quer a amadores, e que a associação projecta ampliar, das suas aulas; senão ainda a celebração com maior pompa e amplitude das suas exposições annuaes.

Este grande melhoramento virá seguramente dar mais vida á benemerita Sociedade Nacional de Bellas Artes, e maior brilho á arte portugueza, que ficará com esse edificio que lhe é dedicado, ella que desde a escola anda por casarões de emprestimo, como quem não tem domicilio proprio.

LITERATURA ANGLO-AMERICANA

Um cavalheiro irlandês

Por

W. SOMERSET NAUGHAM

(Concluido do n.º 985)

IV

— Não tolerarei, comtudo, por caso nenhum semelhante indignidade. Appellarei para o Embaixador da Inglaterra, e hade aprender á sua custa o que resulta de haver menoscabado a liberdade de um subdito britannico!

— Pataratas, meu caro senhor.

Se nunca hade chegar aos ouvidos do embaixador da Inglaterra o facto de eu o haver encarcerado. Posso detê-lo pelo espaço de trinta annos sem incorrer o minimo perigo.

— O meu desaparecimento será notado e commentado.

— Duvido muito. Não é facil convencer-me de que haja alguém a quem incuta uns cuidados por ahí além um obscuro irlandês que viaja com dez thalers na algibeira.

— Como é que o soube?

— Esquece-lhe que lhe revistaram as algibeiras. Foi examinada a sua bagagem, e eu, cheguei á conclusão de que o senhor estava quasi que á paz-de-pilula. E, a proposito, que descripção tão singularmente pouco lisongeira não delineou o senhor no seu diario — e um tanto ou quanto aleivosa, aqui para nós.

— Aleivosa? Dou-lhe de barato que o fosse, re-

prendeu mister O'Donnel uns vislumbres quaesquer de jovialidade.

— O senhor divertiu-se um nadinha á minha custa, Mister O'Donnel — não deve estranhar que eu tire a minha desforra. Não pude resistir á minha tentação de ver até que ponto lhe seria aprazível uma das masmorras, ácerca das quaes devaneou com tanta poesia quando apenas o conhecia pelo lado exterior. E agora, façamos pazes, e vamos ao nosso jantar, que a estas horas já deve de estar á nossa espera.

— E, palavra! creia que me acho mais que em termos de lhe fazer justiça, respondeu o outro, ainda bastante incanzoadado, mas resolvido a conformar-se, — pois que a ucharia da sua prisão não foi calculada para saciar o apetite a qualquer mortal.

A mister O'Donnel figurou-se-lhe o estar tomando parte n'um conto das Mil e Uma Noites, ao encontrar-se, d'ali a meia hora, sentado a uma mêsá, entre João Adolpho e a filha d'este, a Princesa Maria. O Príncipe era agora uma creatura differente em absoluto d'aquelle official altivo e carrancudo que tinha vindo á Aguia de Oiro e era evidente o ser homem para apreciar uma facécia, como outro qualquer mortal. O irlandês, esquentado do vinho, frenteando-se-lhe um auditorio appreciativo, deitou a livraria abaixo, e entornou a jorros a torrente caudal do seu inesgotavel estro comico; galgando a toda e qualquer restricção, a sua audacia, as extravagantes saídas da sua jocosidade, as suas tão galhofeiras aneddotas. Tanto o Príncipe como a filha estorciam-se com riso.

Marejavam-se-lhe os olhos de lagrimas, e as carrancudas e marmoreas paredes de Wartburgo, desde annos e annos que não ouviam tão ruidosa hilaridade.

Mister O' Donnel, todavia, recuperava o seu sentimento do effeito; conscio d'aquelle seu exito sem precedentes, não o queria estragar demonstrando-se demais na scena do proprio triumpho. Actor admiravel, conhecia o valor de uma saída sensacional. Assim que concluiu o jantar pôs-se de pé.

—Vae-se fazendo tarde, e tenho urgencia em alcançar Baden. Vossa Altêsa Serenissima dignar-se á conceder-me licença para que me retire?

—Esta noite? exclamou o Principe. Está claro que, se são esses os seus desejos, nada tenho que dizer: mas não haverá nada que eu possa fazer em seu favor, antes que se ausente, no sentido de lhe manifestar quanto aprecio o seu espirito e inexcedível bom humor?

—Certamente, volveu, de pronto, Mister O' Donnel. Vossa Altêsa Serenissima estará lembrado de que são um tanto escassos os meus meios. Se a carruagem que para aqui me trouxe me pudesse levar outra vez para a fronteira, ficar-lhe-ia eternamente grato por semelhante beneficio.

—Mas se o sr. se acha absolutamente sem dinheiro? Com certeza se negará a aceitar qualquer offerta da minha parte?

—Os santos me defendam de tal! exclamou Mister O' Donnel, com um rasgado aceno de mão. Vossa Altêsa tencionará ainda beneficiar a qualquer outra instituição de caridade?

O Principe nutou a cabeça, cada vez mais mystificado por semelhante excentricidade. O seu espirito não conseguiu atingir a hypothese em como, para aquelle irlandês, farfalhudo e romanesco, heroico e tresloucado, um dito feliz ou uma attitude de effeito importavam muito mais do que os thesouros todos do Potosi. Até que por fim, lhe surgiu uma ideia sensata.

—Mister O' Donnel, vou conservar este anel por meio do qual o senhor pagou o meu jantar. E em troca rogo-lhe queira aceitar o meu.

E sacou do dedo um esplendido diamante.

—Mas, comparado a este, o meu não tem o minimo valor, exclamou Mister O' Donnel.

—Rogo-lhe que o aceite. Poderá vir a ser-lhe prestavel na hypothese de ter que convidar para a sua mesa qualquer Régia personagem.

Mister O' Donnel não esteve com mais hesitações, mas, desfazendo-se em agradecimentos em fôno o anel no dedo. Entrou então em scena a Princesa.

—Tambem eu tenho um brinde para lhe offercer. E desejo que o conserve como recordação do serviço relevante que me prestou. Não tem o minimo valor.

E apresentou-lhe a luva que elle, com tamanho requinte de galanteria, havia sollicitado, dias atrás.

Pelo contrario, acudiu o heroe. Para mim encerra dez vezes mais valor do que o anel, visto havê-la usado Vossa Altêsa.

Fez-lhe rasgada mesura beijando-lhe a mão. Estava á porta a carruagem, e, detendo-se apenas o tempo necessario para despejar á despedida uma derradeira jocosidade, Mister O' Donnel valeu-se da hilaridade de ambos para cumprimentar e retirar-se. Da janela, a rir sempre, o Principe e a filha assistiam á sua partida, até o verem sumir-se nas trevas da noite com dez thalers no bolso e, no dedo, um anel de duzentas libras.

—Será um charlatão ou um heroe? perguntou a Princesa. —E' o homem mais extraordinario de quantos em minha vida tenho encontrado.

—Inglêses e irlandêses são uma sucia de malucos, respondeu João Adolpho: e é por isso que vão conquistando o mundo.

Neste meio tempo, mister O' Donnel, imensamente satisfeito com a sua pessoa, sem conceder o minimo vislumbre sequer de um pensamento ás dificuldades do futuro, aninhou-se para dormir, tão commoda e aconchegadamente que nem que fosse reclinado num colchão de pennas.

M. MACEDO.

CONTOS COR DE ROSA

A proposito d'este livro ha pouco publicado pelo nosso presado amigo e collaborador do OCCIDENTE sr. Henrique Marques Junior, publicamos a seguinte carta aberta, que lhe foi dirigida pelo grande poeta Gomes Leal, e que é, além de muito honrosa para o nosso collaborador, um estudo interessantissimo sobre os contos infantis:

CARTA ABERTA

Meu querido Amigo Marques Junior:

A primeira mulher que compoz o primeiro conto infantil e o narrou ao seu pequenito, com-

pôz o primeiro poema de génio. E digo de génio, por que tudo ali se encontra n'essa pequena maravilha. Tudo: a graça, o sentimento, o mimo, a simplicidade, a imaginação, o trágico, o caricato, a moral, a paixão.

Ali ha de tudo em ponto microscópico, como nos poemas do Dante e do Camões, ou nas tragedias de Shakspeare. Como em todas estas, n'elles há o rei, o mágico, a apaixonada, o bispo, a bruxa, o guerreiro, o palhaço. Há o rei espectacular e verboirral e a princesa ingenua e timorata: ha o mágico hediondo e perverso, mais o principe loiro e aguerrido que tem de passar um *fadário*: ha o tyrano *barbaças*, carneiro implacavel, e finalmente o palhaço presenteiro e risonho, o bôbo admiravel e festejado, sempre querido e sempre amado, capaz de fazer rir as proprias penedias e desmanchar os vestidos bonitos e verdes das arvores, com gargalhadas. Que patusco e admiravel truão! Que gracioso paternal, e inapreciavel palhaço! *Poor Yorik! Poor Yorik!*... como exclamava o Hamlet enternecido, no cemiterio. E' que elle ao remechar na caveira do jogral querido, lembrava-se de certo das historietas que elle lhe narra, pondo-o no colo ou as cavaleiras, e das graciosissimas carêtas e visagens que fazia. *Poor Yorik! Poor Yorik!*...

Cada uma das pequeninas fábulas é como se fosse a mitologia maravilhosa do reino de Lilliput. Cada uma d'essas historietas é como as *Mil e uma noites* bordadas a missangas, ou como todos os *Cantos Arábicos* em tipo elzevir. Homéro não é mais imaginoso nem a fecunda Sultana Sharezarda mais prodigiosa nas suas impagaveis e infindaveis mentirôlas. Todavia, como muito bem ponderou o senso estetico e delicado de uma mulher, a illustre e preclara senhora D. Carolina Michaélis, que a um tão ponderado saber consêgue aliar um tão fino sentimento do Ideal, como ella muito bem destrinçou, repetimos, o que ha de mais subtil e poético n'esses pequeninos poemas maternas, é o tom ingenuo e tocante, natural e simpies, por vezes mesmo anomatopaico e assás familiar, mas sempre fresco e virginal como acordes de flautas rústicas ou musicas pastoris, que reinam com profusão em todas estas narrativas tradicionais, e que fazem com que os espiritos sentimentaes e sinceros consigam reviver as suas emoções infantis. E esta é sem duvida a sua parte mais viçosa, poética, e imaterial. E' esta finalmente onde se encontra — quem tal o diria em tão pequeninas bagatêlas! — em tão minusculas maravilhas! — onde se podem encontrar sempre essas trez graves senhoras, a *Ética*, a *Estética*, e a *Euritmia*, as quaes se dão amavel e graciosamente as mãos, e se esforçam heroicamente em fazer da microscopica fabulazinha uma obra prima sentimental.

E' isso mesmo que encontramos admiravelmente conjugados na rosea historietta do *Principe Sapo e do seu fiel servidor*, tão bem vertida pela senhora D. Carolina Michaélis. E' isso mesmo que encontramos tambem em vários contos estrangeiros que o meu amigo tão criteriosamente tem vertido, como são os dos irmãos Grim, Perrault, Andersen e varios outros. E a proposito dos auctores estrangeiros dos contos infantis, eu enfileiro-me na teoria dos que perfilham o alvitre da senhora D. Carolina Michaélis que opina que as versões das estrangeiras narrativas — sobretudo as melhores no genero — de forma alguma podem prejudicar a originalidade nativa dos nossos contos tradicionais, como pretende Adolfo Coelho, o *súmo sacerdote dos folkloristas* portugueses. Cada lingua tem n'essa especialidade as suas pequenas obras primas e nenhuma fica ofuscada nem eclipsada com os primores de forma ou de sentimento de uma outra nacionalidade. Pelo contrario, muito curioso é sempre observar a especial tendencia de cada uma, ou a forma sentimental mais ou menos ingenua e florida por que cada qual se revela. Este confronto é como o das religiões comparadas uma fonte inexaurível de considerações e emoções interessantes e sub-tis.

E a proposito ainda dos ditos contos estrangeiros, convém que não me esqueça, lembrar ao meu amigo o tão caracteristico e fantasioso alemão Hoffmann, tão celebrado, e o qual tem n'este genero pueril lindas creações facetas, cheias de inventiva e de *humour*. E, para citar trez só de memoria agora, recordo-lhe as narrativas impagaveis e inacreditaveis do celebre *Homem que perdeu o reflexo*, aquêla do *Rei Cenoura*, ou a tambem não menos famosa de *Cinabre* que era um mirifico e estupendo anão macabro, que por mais sandices e ineptias que bolsasse, toda a gente caía estarecida de pasmo ante a sua prodigiosa loquêla e infinita sabença, mal que elle punha na sua estreita cabeça de idiota um celeberrimo

chapéo magico. Os episódios a que o chapéo prodigioso dá margem são de uma *verve* hilariante e original.

Terminando estas linhas rápidas e escritas sobre o joelho, que é o mais que n'esta occasião posso fazer, pois que a doença de uma pessoa cara me acinzenta o espirito, resta-me felicital-o por este seu ultimo livrinho, *Os Contos Cor de Rosa*. Prosiga o meu caro amigo sempre no genero, para o qual tem natural tendencia, pelo seu espirito sincero e juvenil temperado de bondade affectiva para os pequeninos, por que a seara é loira e virginal como a puericia, e como ella fértil sempre em tesouros occultos. Tem na sua mão a lampada mágica de Aladino, essa luzerna maravilhosa. Abra-a, meta-lhe dentro as lindas figurinhas graciosas ou terriveis burlescas ou sublimes, enternecidas ou fanfarronas, mas não se esqueça de iluminar bem a sua lampada, como se esqueceu de o fazer aquelle negregado búgio da fábula de La Fontaine. Olhe que as iluminuras, as esbeltas vinhetas, ou as fantasticas gravuras gentis, sejam ellas burlescas ou terriveis, sentimentaes ou bonachonas são sempre um aperitivo indispensavel em todas estas fantasias infantis, nas quaes é preciso fazer gosar o publico tanto com a vista como com o ouvido, com o espirito como com o coração. Olhe tambem que não são só os pequenitos que o lêem. São tambem por vêzes os espiritos sentimentaes, que já tambem foram ouvintes, foram sonhadores, foram pequeninos.

GOMES LEAL.



Recebemos e agradecemos, as seguintes:

Syphilis — Conferencia por Virgilio Baptista — Março, 1905. — Imprensa de Libanio da Silva, Rua das Gaveas, Lisboa.

Esta conferencia que foi realisada empregando o illustre clinico projecções luminosas como potentissimo auxiliar á sua exposição verbal, é crédora de leitura atenta, e até bem avisado andaria o governo, se, entendendo-se previamente com o auctor, fizesse d'ela uma edição numerosissima de exemplares e os distribuisse profusamente no país.

Confiámos immenso no effeito moral que produz no animo de toda a gente um trabalho escrito com proficiencia de auctoridade e com argumento baseado na eloquencia dos factos.

Ora, a conferencia *Syphilis*, do médico Virgilio Baptista, especialista em tal molestia, flagelo tremendissimo da humanidade, acha-se no caso das linhas precedentes.

Aos governos cumpre manter quanto possivel, integra, a fibra viril das raças, ás quaes espera uma degenerescencia infalivel e a morte prematura, quando se lhes não suprimem as causas virulentas.

Combater a sifilis, pelo menos, é dar demonstração de tentativa racional de suprimir uma causa virulenta.

Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portugueza — VIII. — Consolaçam ás Tribulações de Israel por Samuel Usque — Com revisão e prefacio de Mendes dos Remedios — Coimbra, França Amado, Editor — 1906.

«A obra de Usque está dividida em tres dialogos», diz Mendes dos Remedios no fêcho do introito.

Tenho presente o primeiro de taes dialogos, o qual, constitue o volume primeiro da referida obra e se intitula: *Dialogo pastoril sobre cousas da sagrada escritura Icabo, Numeo, e Zicareo Ynterlocutores*.

Neste dialogo Icabo, Jacob, faz a Numeo, Nahum e a Zicareo, Zacharias, profetas, a narrativa historica do povo judeu, entrecortada de lamentações que os dois ouvintes procuram consolar.

E' valioso como documento literario estimativo o trabalho de Samuel Usque, e ainda como depoimento insuspeito em relação aos judeus, visto ser auctor um judeu.

O paciente revisor e prefaciador da obra, manteve-lhe a linguagem orijinnaria e o sabor tipico do seculo xvi, em que foi dada á estampa.

No mesmo prefacio registou, convenientemente joeiradas, as noticias que houve acerca de Samuel Usque, estabelecendo o seguinte: «Eram os seus ascendentes de origem espanhola, mas elle portuguez e nascido certamente em Lisboa».

Mais adiante acrescenta: «A sua existencia deveria ter-se passado como a de muitos judeus instruidos, nos fins do seculo XV, em Portugal, entre o ensino e o estudo. Não ha duvida de que elle, pelo seu saber e instrução no Talmud, chegou a adquirir grande celebridade entre os seus».

A casa editora de França Amado, em Coimbra, tem prestado serviços de benemerencia imcontesteavel com publicações que, á similhaça d'esta, enriquecem a literatura nacional.

Daqui a aplaudimos.

Recursos e Peritos na fiscalisação sanitaria no Porto em 1903. (O reverso da medalha) por A. J. Ferreira da Silva — Porto — Imprensa Portuguesa, rua Formosa, 1905.

Volume de 111 paginas de leitura, o abalizado homem de ciencia e distinto lente da Academia Politécnica da segunda cidade portuguesa, nele se afirma apostolo da verdade e conscio do aserto em matéria de analyse de produtos de consumo.

No fecho do prefacio lê-se este periodo de alto mérito pratico: «Que o grande publico, em seu proprio proveito, deixe de olhar com desdem para as officinas de trabalho chimico, e que não veja com mau olhar e de soslaio as despezas que é indispensavel para as custear.»

Perfilhâmos com a devida venia as transcritas palavras do notavel mestre, o qual como director do Laboratorio Municipal de Chimica do Porto, tem prestado insignes serviços de sanidade publica simultaneos com outros de moral individual.

Ferreira da Silva é uma gloria da ciencia e honra o país.

Entre nós o conhecimento do theatro Ibsen data de poucos annos, quando se representaram as suas peças a *Casa de Boneca*, e *os Espectros*. Foi por essa occasião que, como acima dissemos, se discutiu muito a obra de Ibsen, pela impressão, que a representação das suas peças, fez no publico de Lisboa.

Desde então sim, é, que se tornou conhecido entre nós o nome do singular dramaturgo norueguês e se apreciou a sua obra da qual a maior parte só conhecemos de nome, mas que constitue uma bagagem importante, tanto pelo numero como pelas theses ou problemas sociaes que as suas peças se propõem resolver.



HENRIQUE IBSEN

Ibsen era um verdadeiro revolucionario no theatro como em toda a sua obra, consequncia do seu espirito satyrico e mordaz, que logo de muito novo o pôz em conflicto com a pacata burguezia da sua terra, Skien, onde nasceu a 20 de Março de 1828.

Assim se diz que elle perdeu o logar de ajudante de pharmacia em Grimslad, aos 16 annos de idade, por já então revelar ideias avançadas; conseguindo só aos 28 annos entrar para a Universidade de Christiania, onde a sua preclara intelligencia foi rebustecida com um forte cabedal de conhecimentos.

Attrahido pelo theatro, e sendo ainda estudante, escreveu o drama *Catalina*, que foi rejeitado no theatro Nacional da capital de Noruega, por me-

lindres de caracter internacional, visto ser baseado em episodios de revolução franceza de 1848. Conseguindo, porém, logo a seguir, ver em scena a sua peça em verso *Tumulus*, que, apesar de ser apenas n um acto, alcançou o mais ruidoso successo.

Concluidos os seus estudos universitarios dedicou se á politica, mas a breve trecho abandonou-a para se consagrar de corpo e alma á litteratura.

Produziu trinta e tantas obras dramaticas, abordando as peças de these, realistas e symbolistas com equal felicidade.

As mais festejadas são: *Casa de boneca*, *Inimigo do Povo*, *Espectros*, *Hedda Gabler*, *Paté Bravo*, *Kosmersholm*, *Solness*, *o Constructor*, *Comedia de amor*, *Brand*, *Pequero Eyolf*, *Dama do mar*, *Esteios da sociedade*, *União dos moços*, *Pretendentes á coroa*, *Guerreiros em Helgeland*, *Imperador Galileu*, *João Gabriel Bokman* e *Quando nós ressuscitarmos*.

Ao valioso theatro de Ibsen, aconteceu o mesmo que á musica do grande Wagner, não foi recebido de principio com as devidas homenagens. Uma e outra obra operaram uma verdadeira revolução, e, ainda, em muitas scenas não serão escutadas, algumas d'essas producções sem protesto do publico que as não percebe.

Ibsen compoz um cançoneiro popular da Noruega e escreveu varios romances e bastantes artigos de jornaes sobre arte e politica.

A notavel actriz franceza Suzanna Després, que já por mais d'uma vez temos admirado no nosso theatro D. Amelia e que é uma das mais illustres interpretes das peças do grande escriptor fallecido, entrevistada por um jornalista, disse:

«E' a Ibsen que eu devo o que sou. Foi na sua escola que me formei. E é na sua escola que eu deajo completar-me.

Ibsen é uma epoca da historia da arte dramatica. Pouco a pouco ha de se formar uma tradição, quero dizer um espirito do drama ibseriano, como existe na tragedia classica e no drama wagneriano. Talvez que dentro de 10 annos surja outro espirito e outro methodo de exposiçao dramatica. O que importa! Ibsen ficará como o representante d'uma raça e d'uma epoca, com o seu temperamento particular e os seus meios especiaes».

Em homenagem á memoria de Henrique Ibsen o governo norueguês custeou os seus funeraes, que foram imponentes, e alguns intellectuaes francezes fizeram um abaixo assignado á camara municipal de Paris para dar o seu nome a uma rua da grande capital.

NECROLOGIA

ENRIQUE IBSEN

Ainda não ha muito este nome andou largamente discutido, entre dramaturgos e publicistas fazendo a critica da sua obra, e hoje este mesmo nome já não pertence ao numero dos vivos.

Henrique Ibsen falleceu na tarde de 23 do corrente em Christiania, conforme o communicaram telegrammas a toda a imprensa.

Ibsen já tinha morrido para a arte; o grande philosopho norueguês decahira na sua ultima obra *Quando nós ressuscitarmos*, em que a sua individualidade principia a perder-se confundindo-se aquella moral e philosophia que o haviam feito destacar no meio dos escriptores dramaticos do seu tempo.

ANTONIO DO COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CASA BANCARIA
José Henriques Totta
69, 75, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA



LE DICTIONNAIRE
DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900



Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

Messageries de la Presse Française

CASA FUNDADA EM 1879

RUA AUREA, 146, 1.º

A mais antiga e a unica que se dedica exclusivamente á venda e assignatura de JORNAES e PUBLICAÇÕES estrangeiras. Grande sortimento de jornaes de Modas.



A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 316, 1.º

LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Dois medalhas de ouro e prata
Exposiçao Universal de Paris de
1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. A. o Principe Friedr. With. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Alemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcioanam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite